



AH

ARQUEOLOGIA & HISTÓRIA

Revista da Associação
dos Arqueólogos Portugueses

Volumes 66-67
2014-2015

"QUAIS AS CARACTERÍSTICAS DOS ARTEFACTOS RECOLHIDOS NO RECINTO DE FOSSOS DA PONTE DA AZAMBUJA 2 (PORTEL, ÉVORA)"? – PARTE I: ANÁLISE DOS MATERIAIS CERÂMICOS¹

Filipa Rodrigues

Crivarque, Lda. / frodrigues@crivarque.net

Resumo

Este artigo pretende apresentar a análise da cultura material, mais concretamente a análise dos materiais cerâmicos, do recinto de fossos da Ponte da Azambuja 2 (Portel, Évora), adotando uma perspectiva que visa não só o enquadramento tipológico dos artefactos mas também a tecnologia da sua execução.

Palavras-chave: Recinto de fossos, Neolítico Final, Materiais cerâmicos, Sudoeste Peninsular.

Abstract

This paper aims to describe the ceramic analysis of ditched enclosures of Ponte da Azambuja 2 (Portel, Évora), from a perspective that encompasses both the typological scope of artefacts and their manufacture technology.

Keywords: Ditched enclosures, Final Neolithic, Ceramic analysis, SW Iberia.

¹ O texto que se apresenta resulta da execução da tese de Doutoramento da signatária, correspondendo a um pequeno subcapítulo da mesma, revisto e resumido (Rodrigues, 2015).

1. INTRODUÇÃO

O artigo que agora se apresenta, pretende ser o início de um ciclo de publicações referentes à cultura material do recinto de fossos da Ponte da Azambuja 2 (Portel, Évora), embora já existam artigos publicados anteriormente, dedicados não só a este sítio (Rodrigues, 2008) mas também à sua componente artefactual, designadamente aos ídolos de cornos e figuras antropomórficas (Rodrigues, 2013), assim como à colecção de fauna mamalógica (Nabais & Rodrigues, 2016) recolhida neste sítio.

O presente texto é referente aos materiais cerâmicos, estando aqui integrados não só os recipientes, mas também outros artefactos elaborados em argila cozida (e.g. colheres ou “queijeiras”).

Os materiais arqueológicos agora em análise foram recolhidos no interior dos dois troços de fossos identificados no sítio – Fosso 1 e Fosso 2 – aquando da abertura das valas para a implementação do *Aproveitamento Hidroagrícola do Monte Novo – Bloco 1, Conduta 1.1.*, cujas características e estratigrafia foram já anteriormente apresentadas (v. Rodrigues, 2008, 2013 e 2015).

2. METODOLOGIA

A identificação macroscópica de diferentes tipos de argilas foi a primeira etapa do trabalho. A diferenciação por subgrupos de pastas foi fundamental para o posterior reconhecimento dos elementos não plásticos, de modo a identificar áreas de captação deste recurso, a partir dos substratos geológicos.

A fase seguinte consistiu num exaustivo exercício de remontagem de fragmentos, tendo em consideração todo o universo dos materiais cerâmicos. Esta tarefa permitiu não só a separação de bojos lisos², bojos decorados ou com elementos de preensão, carenas, fundos e bordos, mas também a

² Depois de se individualizar os bojos lisos, que não apresentavam colagem com outro fragmento diferenciador de forma (bordo, elemento de preensão, fragmento decorado, carena ou fundo), procedeu-se somente à sua contabilização e pesagem.

diferenciação entre (1) recipientes cerâmicos e (2) outros materiais cerâmicos, nos quais foram integrados os fragmentos de colher, de “queijeiras” e objetos indeterminados.

A remontagem e possíveis associações de fragmentos com características semelhantes, possibilitou não só a contagem segura do número mínimo de exemplares presentes (Carvalho, 2008), mas também avaliar os padrões de fragmentação e eventuais processos deposicionais, culturais ou não-culturais (Schiffer, 1987), e pós-deposicionais (Angelucci, 2003), através da distribuição horizontal e vertical dos elementos recolhidos (distribuição essa que não é apresentada neste artigo).

Assim sendo, iniciou-se o processo de caracterização formal, que adotou a tabela tipológica e respetiva caracterização morfológica estabelecida para o Complexo Arqueológico dos Perdigões (Lago *et alii*, 1998). Ainda que se tenha ponderado as reservas efetuadas pelos autores do estudo, considera-se que aquele catálogo é suficientemente abrangente e caracterizador das produções cerâmicas do Neolítico Final do SW Peninsular, com especial destaque para o Alentejo Central.

3. A AMOSTRA

O conjunto dos materiais cerâmicos da Ponte da Azambuja 2 corresponde ao grupo artefactual melhor representado no sítio arqueológico. Após a colagem de vários fragmentos de cerâmica e correlação entre diferentes componentes de um mesmo recipiente, contabilizaram-se 15 436 fragmentos, entre os quais se contam bordos, bojos e fundos.

Estes fragmentos são provenientes quer do preenchimento das estruturas escavadas quer de recolhas efetuadas à superfície. De acordo com estas três procedências, a distribuição espacial dos fragmentos de cerâmica da Ponte da Azambuja 2 é a seguinte: Superfície = 356 fragmentos; Locus 1 / Fosso 1 = 9339 fragmentos; Locus 2 / Fosso 2 = 5741 fragmentos.

De acordo com a metodologia anteriormente apresentada, os bojos lisos foram somente contabi-

lizados e pesados, totalizando 113, 059 kg, correspondentes a 13 667 fragmentos. Isto significa que os restantes 1769 fragmentos pertencem a bordos, fundos, ou bojos com algum elemento diferenciador, tais como as carenas, os elementos de preensão ou diferentes sistemas decorativos.

A distribuição destes elementos – bojos lisos, fundos, bordos, bojos decorados e/ou com elementos de preensão e carenas – pelas duas áreas escavadas, revelam uma compatibilidade percentual entre ambas. Assim, quer num quer noutro caso, a maior percentagem pertence aos bojos lisos sem elementos diferenciadores, seguindo-se os bordos que permitem, ou não, aferir uma tipologia formal, os fundos,

as carenas e, por último, com um número demasiado residual, aparecem os bojos decorados e/ou com elementos de preensão (note-se que nos bordos também se encontram incluídos elementos de preensão junto ao bordo, conforme se verá adiante).

A constatação da uniformidade de tipologias formais em ambas as áreas de escavação permitiu o tratamento da coleção como um todo, efetuando-se a devida separação sempre que se considerou necessário.

Afirma-se assim, que não há qualquer diferenciação entre o preenchimento de ambas as estruturas supondo-se que a sua colmatação terá ocorrido no mesmo patamar cronológico e cultural.

Inventário Geral dos Fragmentos Cerâmicos³						
Descrição	Bordos	Carenas	Bojos dec/ e.p.⁴	Bojos lisos	Fundos	TOTAL
Fosso 1	771	55	45	8310	158	9339
Fosso 2	509	42	28	5055	107	5741

Tabela 1 – Inventário Geral dos Fragmentos Cerâmicos recolhidos na Ponte da Azambuja 2.

4. RESULTADOS

4.1. Argilas e pastas

A análise macroscópica permitiu identificar quatro tipos de pastas distintas. Embora não exista um levantamento exaustivo dos barreiros da região, a análise dos elementos não plásticos (e.n.p.) permitiu diferenciar produções locais, com base quer nos elementos não plásticos que detêm características semelhantes aos substratos geológicos regionais.

Através da análise microscópica posteriormente efectuada, com recurso a lupa binocular (Olympus SZx7), elaborou-se a seguinte descrição petrográfica:

Tipo 1 – estão presentes maioritariamente e.n.p. de quartzo e quartzo-hialino; as micas brancas e negras estão igualmente presentes, no entanto são muito residuais;

Tipo 2 – estão residualmente presentes os quartzos, as micas castanha/preta, gabros; foi identificado apenas num fragmento cerâmico com uma morfologia muito específica, enquadrado dentro do grupo dos pratos de bordo espessado, especificando-se o subtipo almendrado;

Tipo 3 – estão presentes quase em exclusivo as micas pretas, embora se façam notar e.n.p. de quartzo, de expressão menor; este tipo de pasta foi identificado apenas num fragmento cerâmico, com uma forma muito concreta – prato de bordo sem espessamento;

Tipo 4 – os e.n.p. presentes são de dimensão muito reduzida, detendo os fragmentos cerâmicos uma textura siltosa; foi identificado num conjunto escasso de fragmentos que pertencem, aparentemente, ao mesmo recipiente, sem que tenha sido possível aferir a sua forma.

Considerando-se pouco exequível o transporte de argilas em bloco, e sendo este um recurso disponível na área imediata do sítio arqueológico, considera-se

³ Excetuando os 356 fragmentos provenientes da superfície.

⁴ Bojos decorados e/ou com elementos de preensão.

que a comunidade que ocupou o sítio da Ponte da Azambuja 2 explorou localmente este recurso.

Ao contrário das matérias-primas utilizadas para a elaboração de utensílios em pedra lascada ou pedra polida, o produto que se pretende manufaturar através da argila, para além de poder ser antropicamente manipulado, adulterado e melhorado, não exige um tipo de pasta específico para a obtenção de uma forma cerâmica concreta. Essa parece ser, aliás, a situação que se verifica no sítio arqueológico em estudo. A grande maioria dos fragmentos cerâmicos recolhido no local (com uma percentagem acima dos 99%), encontram-se dentro do mesmo tipo de pastas, indiciando a utilização sistemática do(s) mesmo(s) barreiro(s), independentemente das formas que se pretendeu elaborar.

O facto de aparecerem outros três tipos de pastas distintas, em escassos fragmentos cerâmicos (como se pode depreender, na totalidade não perfazem 1% da coleção), remete para dois cenários distintos: a) podem significar a exploração esporádica de barreiros em áreas não longínquas da Ponte da Azambuja 2, facto constatado pelos substratos geológicos de onde a matéria-prima terá sido extraída; b) podem ter chegado ao local através da circulação pontual de recipientes cerâmicos.

4.2. Os Recipientes Cerâmicos

O exercício de remontagens dos fragmentos cerâmicos permitiu reconhecer, por um lado, recipientes praticamente inteiros ou com perfil completo, com obtenção integral da forma (cerca de duas dezenas), e, por outro lado, assegurar, ainda que com muitas reservas, a presença de várias centenas de recipientes nas áreas escavadas.

Na análise das formas cerâmicas presentes no sítio foram considerados apenas os fragmentos que permitiam um enquadramento fidedigno numa determinada morfologia.

Assim, os bordos recolhidos no Fosso 2 permitiram uma classificação mais fiável (94 bordos classificáveis, numa amostra de 509 fragmentos), que no Fosso 1 (115 bordos classificáveis, numa amostra de 771 fragmentos). Tal deve-se à sua melhor preserva-

ção, na medida em que o grau de fraturação dos fragmentos nesta estrutura era menor do que no Fosso 1, o que permitiu, igualmente, uma taxa de sucesso superior aquando das remontagens dos recipientes.

4.2.1. Formas

O conjunto de formas cerâmicas identificadas no recinto de fossos da Ponte da Azambuja 2 é pouco diversificado e apresenta as tipologias típicas do Neolítico Final regional.

As formas presentes neste sítio são as seguintes: (i) contentores de armazenagem, (ii) esféricos, (iii) globulares, (iv) mini vasos, (v) potes, (vi) pratos, (vii) taças, (viii) taças carenadas, (ix) tigelas, (x) vaso lúcerna, (xi) vaso suporte, (xii) vasos de paredes retas.

Os contentores de armazenagem não se encontram na tabela tipológica que foi adotada no presente trabalho, no entanto devido (1) à presença de recipientes cujas dimensões se destacam entre iguais pelo tamanho e (2) à importância que a sua presença pode assumir na interpretação do sítio em estudo, optou-se por tratá-los isoladamente e não integrá-los numa forma preestabelecida, como é o caso dos “globulares” ou “esféricos”, que é, de facto, a morfologia geral destas peças. Assim, nas características que definem este grupo tipológico, seguiu-se o mesmo critério que havia sido estabelecido para a categoria dos míni-vasos: “vasos cuja diferenciação se baseia essencialmente no tamanho e não na forma” (Lago *et alii*, 1998:85), determinando-se a cifra dos 30 cm de diâmetro interno como limite mínimo para a integração de recipientes nesta categoria morfológica.

Em anexo expõe-se um catálogo geral das formas identificadas na Ponte da Azambuja 2, onde se encontram descritos os seguintes itens: (1) morfologia geral de cada forma, (2) suas principais características, (3) número total de exemplares reconhecidos nas duas áreas escavadas e (4) percentagem no cômputo geral da amostra estudada.

Esféricos

A variabilidade é nula, já que nos 22 exemplares identificados na Ponte da Azambuja 2 prevalece o

subtipo “simples”, não se tendo verificado nenhum bordo que indicasse o achatamento da peça ou um recipiente que demonstrasse uma base aplanada.

Globulares

São maioritariamente simples (n=16), havendo apenas um bordo com espessamento e boca achatada.

Pratos

Encontram-se subdivididos pelos seguintes subtipos:

- a) com espessamento (n=3), nos quais se enquadram os típicos pratos de bordo almendrado (n=2);
- b) sem espessamento (n=5); neste último caso, os diâmetros registados são menores comparativamente aos pratos de bordo almendrado que, normalmente, podem chegar aos 40 cm.

É neste grupo formal que se atestam as diferenças nas pastas utilizadas, mais concretamente os tipos definidos nos números 2 e 3, o que a torna na forma cerâmica com maior variabilidade das argilas utilizadas no seu fabrico: o tipo 2 foi registado num prato de bordo almendrado e o tipo 3 foi identificado num prato de bordo sem espessamento.

Típico dos contextos ditos “domésticos”, a este tipo de recipiente tem sido conectado “[...] uma economia dependente da agricultura e uma alimentação com uma forte componente vegetal, implicando o consumo de cereais cozinhados” (Gonçalves, 1989: 165). Ainda que esta afirmação detenha já cerca de três décadas, não foi, até ao momento, contraditada.

O significado cronológico da presença desta forma cerâmica no conjunto estudado será adiante debatido.

Taças

Nos oito exemplares desta forma aberta presentes na Ponte da Azambuja 2, identificaram-se dois subtipos distintos. Estão presentes as “taças de bordo direito ou arredondado, de configuração em calote esférica ou com um pequeno tronco cilíndrico sobreposto à calote” (n= 3) e as “taças abertas ou ligeiramente fechadas de base convexo-aplanada” (n=5).

Taças carenadas

Esta forma cerâmica encontra-se representada por diferentes elementos conservados, correspondendo 53% a carenas, 42% a bordos e 5% a fundos.

Na forma que, no SW Peninsular, é sinónimo de Neolítico Final registam-se três subtipos distintos que valorizam a componente superior da peça. Assim, estão presentes as (1) taças carenadas de corpo romboidal (17%), (2) de corpo hiperboloide (1%) e de (3) corpo troncocónico (9%), verificando-se fundos em calote de esfera e aplanados. Salienta-se no entanto que num número considerável de peças não foi possível diferenciar um subtipo, quer pelas dimensões diminutas dos bordos quer pelo facto do elemento conservado ser simplesmente a carena (73%).

Dentro destes subtipos, nomeadamente naquele que apresenta corpo troncocónico, de carena baixa e fundo aplanado, encontram-se alguns exemplares que apresentam dimensões mais reduzidas, que alguns autores consideram típicas do grupo megalítico do eixo Crato/Nisa (Parreira, 1996; Andrade, 2009). A presença deste subtipo específico na Ponte da Azambuja 2 tem dois significados: a) constitui o conjunto identificado mais a Sul da área originalmente definida; b) corresponde à amostra mais numerosa recolhida num horizonte não megalítico.

A estes recipientes, independentemente do seu subtipo, tem-lhe sido atribuído um uso doméstico, de consumo de cereais e vegetais, à semelhança do que foi já anteriormente referido para os pratos (Gonçalves, 1989). Neste âmbito, a leitura tradicionalmente aceite é a de que as taças carenadas precedem cronologicamente os pratos (Gonçalves, 2003).

O peso de cada uma destas formas cerâmicas – taças carenadas e pratos – no conjunto da artefactual recolhido na Ponte da Azambuja 2 será à frente debatido.

Tigelas

As tigelas são a forma cerâmica com maior variabilidade morfológica. Foram identificados quatro subtipos distintos, de acordo com a tipologia adotada, sendo eles: (1) “tigelas abertas pouco profundas (IP <70), de bordo plano ou arredondado” (59%), (2)

“tigelas fundas (IP 70)” (29%), e, (3) “tigelas fechadas, apresentando, por vezes, o bordo espessado externamente” (5%), havendo 7% da amostra estudada cujas características (normalmente dimensão do elemento conservado) não permitem enquadrar num subtipo.

“Vaso-lucerna”

Normalmente associado a espólios oriundos de ambientes funerários, cronologicamente integrados na primeira metade do 3.º milénio a.n.e. (Neves *et alii*, 2013), os “vasos-lucerna” estão presentes na Ponte da Azambuja 2 através de um exemplar.

A sua identificação ocorreu apenas na fase de remontagem dos recipientes, uma vez que estava completamente fraturado em inúmeros fragmentos, espalhados pelos diferentes níveis artificiais identificados na única camada de enchimento do Fosso 2. Este é um dos exemplos que demonstra a importância deste tipo de exercício aquando do tratamento laboratorial de espólios pré-históricos provenientes de estruturas negativas: não havia qualquer indicador da presença desta forma cerâmica, pois os seus fragmentos eram de dimensões bastante reduzidas, e, afinal, ela faz parte deste conjunto artefactual. Eventualmente, se as remontagens não tivessem sido aplicadas, os inúmeros fragmentos que compõem este recipiente estariam separados, uns integrados na categoria “bojos lisos”, outros na categoria “bordos lisos não identificados”. Desta forma, questiona-se: a ausência desta tipologia em sítios ditos de *habitat* deve-se à sua utilização exclusiva nos ambientes funerários ou é uma ausência artificial gerada pelos processos de formação de registo arqueológico e subsequente tratamento do espólio? Efetivamente, é mais fácil identificar um “vaso-lucerna” num ambiente funerário, normalmente menos exposto a fenómenos pós-deposicionais, o que permite a conservação de uma boa parte da sua forma original, do que em contextos onde a integração do espólio no registo arqueológico pode ter uma história que não implique somente o agente humano.

Se para alguns investigadores esta presença,

extremamente fraturada, pode indiciar eventuais deposições estruturadas de um recipiente que tradicionalmente detém um cunho simbólico, no âmbito deste trabalho considera-se que o grau de fraturação da peça, assim como a sua distribuição horizontal e vertical no contexto arqueológico, são representativos da ação de agentes naturais no processo de formação do registo arqueológico.

Vaso suporte

Na Ponte da Azambuja 2 foi recolhido apenas um exemplar desta forma cerâmica. À semelhança do que aconteceu com o “vaso-lucerna”, também este tipo de objeto cerâmico não constava na listagem de formas realizada aquando dos trabalhos de campo. O seu reconhecimento no aparelho cerâmico do sítio em estudo ocorreu apenas aquando da realização de remontagens.

No exemplar da Ponte da Azambuja 2 salienta-se a depuração da pasta utilizada no seu fabrico, que, apesar de se integrar genericamente no “tipo 1”, não encontra muitos paralelos nos congéneres recipientes cerâmicos, a que se destina suportar. Questiona-se igualmente, o tratamento da superfície externa, cuidado, embora sem decoração, e a fragilidade da própria peça. Se por um lado os largos diâmetros de abertura – distintos em cada extremidade – podem oferecer estabilidade a um recipiente de médias dimensões de fundo convexo, por outro lado, a espessura reduzida das suas paredes não permite assegurar a segurança de recipientes de iguais dimensões, com conteúdo no seu interior (e.g. um esférico com sementes).

A aplicabilidade desta forma cerâmica como “vaso suporte” foi já questionada por alguns autores. Questões relacionadas quer com a dimensão destes objetos, quer com a estabilidade que podem oferecer aos recipientes que suportam, levaram à sua eventual conexão com instrumentos de percussão, nomeadamente pequenos tambores (Gonçalves, 1989).

Não obstante a sua função, importa referir que a peça da Ponte da Azambuja 2 é bastante semelhante ao “vaso suporte” do Monte da Tumba (com

excepção para as aberturas centrais) (Silva & Soares, 1987: 61).

Vaso de paredes retas

Nesta categoria de recipientes estão presentes os subtipos “simples (n=3) e “com lábio exvertido” (n=3).

Representatividade das formas

Do ponto de vista da representatividade de cada tipo de forma cerâmica, as taças carenadas são, sem dúvida alguma, a forma com maior número de efetivos (n=193), correspondendo a 59% da globalidade da amostra. Seguem-se as taças, com uns escassos 13% (n=41), estando as restantes formas cerâmicas abaixo dos 10%. Regista-se, no entanto, o facto dos contentores de armazenagem, os esféricos e o globulares deterem percentagens muito próximas – entre os 5% e os 7% – o que indicia uma preocupação, no seio da comunidade que ocupou aquele espaço, na obtenção de cerâmicas utilitárias de armazenagem e, eventualmente, confeção de alimentos.

No que respeita às ausências e presenças de determinadas formas cerâmicas, em cada uma das estruturas escavadas, regista-se o facto de surgir, no Fosso 1, o único exemplar de vaso suporte existente na amostra, e, no Fosso 2, o vaso lucerna, igualmente único no conjunto. Do ponto de vista percentual, esta situação é perfeitamente residual na coleção, não tendo qualquer expressividade, na medida em que ambos os elementos correspondem a uma percentagem inferior a uma unidade.

Os recipientes classificados como “potes” e “pratos” são igualmente exclusivos do preenchimento do Fosso 1, sendo exclusivos do Fosso 2 os mini-vasos, não havendo qualquer significado a extrair desta situação, a não ser o de um eventual desvio arqueográfico.

4.2.2. Elementos de prensão

No conjunto analisado estão presentes dois elementos de prensão distintos: os mamilos pega e as asas.

O segundo modo de prensão foi identificado isoladamente, em pequenas asas de rolo (n= 4) desgarradas de qualquer fragmento cerâmico, pelo que se encara com reservas esta funcionalidade. Efetivamente, ainda que o objeto em questão se assemelhe, em todos os sentidos, às pequenas asas de rolo identificadas num escasso número de recipientes deste período cronológico, não há qualquer indicador que permita conectá-lo inequivocamente com um recipiente cerâmico, não sendo assim possível determinar em que forma poderá ter sido utilizado. Os raros elementos enquadrados nesta tipologia foram recolhidos no interior do Fosso 1.

O mesmo já não acontece com os mamilos pega, que abundam no registo cerâmico da Ponte da Azambuja 2. Exceptuando os fragmentos que apresentavam mamilos tipo “botões ou pastilha” ou “mamilos duplos” que têm, indubitavelmente, uma função decorativa, foram identificados 111 fragmentos cerâmicos com elementos de prensão, distribuídos da seguinte forma, de acordo com a sua posição no elemento conservado: (i) mamilos isolados (n=11/ 10%); (ii) bojos inclassificáveis com mamilos (n=36/ 32%); e, (iii) mamilos junto ao bordo do recipiente (n=64/ 58%).

Dentro da subcategoria bojos/bordos com mamilos foi possível classificar a morfologia do recipiente em 31 fragmentos (bordos e carenas), não tendo sido possível classificar 33 fragmentos de bordo que apresentavam o elemento de prensão junto à abertura.

Assim, as formas nas quais foram aplicados mamilos, enquanto eventuais elementos de prensão, foram as seguintes: (i) pratos de bordo sem espessamento (n=1); (ii) taças abertas de base convexo aplanada (n=2); (iii) taças de bordo direito ou arredondado (n=1); (iv) taças carenadas (n=3); (v) tigelas abertas pouco profundas (n=1); (vi) tigelas fundas (n=6); (vii) esférico simples (n=2); (viii) globulares simples (n=14); e, (ix) míni-vasos (n=1).

Os elementos de prensão podem assumir morfologias distintas, assim como dimensões igualmente divergentes, embora, à semelhança do que acontece com as formas cerâmica presentes na Pon-

te da Azambuja, parece haver uma padronização de estilos.

Do ponto de vista tecnológico verificaram-se dois tipos de aplicação do elemento no recipiente: a) pressão contra a parede do recipiente, após a moldagem isolada do mamilo; b) encaixe do mamilo na parede do recipiente, através de um apêndice propositadamente feito no elemento de preensão. Estão ausentes do registo da Ponte da Azambuja 2 os subtipos executados através do repuxamento da pasta ainda fresca.

Ambas as técnicas descritas foram observadas quer nos fragmentos de parede que apresentavam o arranque do elemento plástico, quer através dos mamilos identificados isoladamente.

Entre este conjunto destacam-se as seguintes situações, pela sua singularidade no grupo estudado:

- um elemento plástico perfurado, situado na parte interna do recipiente; pelo facto do bordo presente no fragmento ser de pequenas dimensões não foi possível atribuir qualquer tipologia, não se avançando, deste modo, com qualquer proposta funcional deste componente;
- um fragmento de um míni-vaso, formalmente semelhante às tigelas fundas, no qual foi aplicado um míni-mamilo junto ao bordo, mimetizando as formas funcionais.

O significado da presença de um elevado número de recipientes com mamilos junto ao bordo no contexto da Ponte da Azambuja 2 será avaliado no final do presente capítulo, uma vez que o balanço entre recipientes mamilados / taças carenadas e pratos tem sido tradicionalmente aceite como um indicador cronológico para as ocupações.

4.2.3. Sistemas decorativos

À exceção dos elementos de preensão, que correspondem a aplicações plásticas, muitas vezes analisadas enquanto “decoração”, os sistemas decorativos no aparelho cerâmico da Ponte da Azambuja 2 são escassos e pouco diversificados.

Dos 15436 fragmentos cerâmicos recolhidos nas áreas escavadas apenas 11 detêm algum tipo

de decoração (neste caso, excluíram-se os 111 fragmentos com mamilos integrados nos elementos de preensão, descritos no subcapítulo anterior).

Desta forma, os sistemas decorativos identificados podem ser subdivididos segundo a técnica aplicada:

- aplicação plástica (mamilos duplos (3), mamilo tipo “botão” ou “pastilha” (2), cordões plásticos (4) (Total = 9);
- impressão (n = 1);
- incisão (n = 1).

Como foi referido no subcapítulo anterior, os mamilos duplos e os mamilos tipo “botão” ou “pastilha” são marcadamente decorativos, não havendo qualquer possibilidade de terem sido funcionais, do ponto de vista da preensão e manuseamento dos recipientes cerâmicos.

Deste modo, na Ponte da Azambuja 2, verifica-se que a aplicação deste tipo de decoração é efetuada maioritariamente no corpo do recipiente (bojo), havendo apenas um mamilo tipo “pastilha” efetuado junto ao bordo. Não obstante, as reduzidas dimensões do fragmento não permitiram identificar a forma. Na realidade, apenas em dois fragmentos cerâmicos foi possível aferir a forma do recipiente decorado: dois fragmentos com mamilos duplos correspondem a carenas, podendo-se assim afirmar que esta forma, que é simultaneamente a melhor representada no conjunto, apesar de uma elevada estandardização, terá conhecido variáveis decoradas.

O mesmo acontece com o único exemplar com decoração incisa: trata-se de uma pequena taça carenada, cuja decoração foi executada no fundo da peça, no seu lado interno. Neste caso, o motivo decorativo escolhido é bastante significativo no mundo das sociedades agro-pastoris: trata-se de um motivo raiado, com evidentes paralelismos com os motivos solares.

Adotando uma postura meramente descritiva perante o objeto e o seu dispositivo iconográfico, observa-se:

- uma taça carenada de corpo troncocónico e carena baixa, com um diâmetro mais reduzido

- do que habitualmente se encontra nestas peças (cerca de 15 cm de diâmetro de abertura);
- no lado interno da peça, no seu fundo, encontra-se a representação gráfica, constituída por três linhas concêntricas realizada a partir do eixo demarcado pela carena, reduzindo o diâmetro, de modo a centralizar aquele que parece ser o motivo decorativo principal; estas linhas encontram-se afastadas cerca de 1cm entre si e parecem definir uma “cartela”;
 - execução de várias linhas retas, com diferentes orientações, mas com o objetivo comum de formar um motivo raiado normalmente conectado com os motivos solares comuns, por exemplo, nas pinturas e gravuras rupestres cronologicamente enquadradas no mesmo período.

Do ponto de vista cronológico, esta decoração em recipientes cerâmicos é relacionada com o período ulterior, sendo apontados exemplares quer no Alentejo, quer na Estremadura. Um desses casos é o Porto Torrão, onde variantes desta decoração aparecem associadas às formas que sucedem a taça carenada, ou seja, os pratos de bordo espessado (Valera & Filipe, 2004). Neste caso, os pratos surgem em contextos onde estão presentes cerâmicas e decorações campaniformes, não sendo assim um fiável indicador cronológico para o exemplar da Ponte da Azambuja 2. Neste sentido, e uma vez que os motivos solares raiados detém, no âmbito das manifestações gráficas das sociedades agro-pastoris, uma diacronia ampla, considera-se que a presença desta taça carenada, com esta decoração, reforça a atribuição de uma cronologia integrada na etapa final do Neolítico para a ocupação da Ponte da Azambuja 2.

Foram ainda identificados outros fragmentos cerâmicos com decoração impressa pertencentes ao mesmo recipiente, embora com proveniências distintas. Apesar de um desses fragmentos ter o bordo conservado não foi possível identificar a sua morfologia, não estando, deste modo, integrado em qualquer tipo definido no catálogo de formas já apresentado. Trata-se de uma decoração efetuada através

do puncionamento individual, que, no fragmento que detém o bordo parece ter uma organização vertical, que se torna aleatória no corpo do recipiente, não se sabendo se o conjunto perfaz algum tipo de figura. Em nenhum dos fragmentos foi identificada a designada “pasta branca” que muitas vezes preenche esses mesmos puncionamentos.

4.3. Outros materiais cerâmicos

4.3.1. Colheres

Foram recolhidos cinco fragmentos de colheres na Ponte da Azambuja 2, todos eles provenientes do preenchimento do Fosso 1. Reconheceram-se dois componentes distintos destes objetos: as pás (n=2) e pequenos fragmentos de cabos (n=3).

De acordo com os grupos formais estabelecidos para o Complexo Arqueológicos do Perdigões, os exemplares da Ponte da Azambuja 2 integram-se no grupo das “pequenas colheres de pá oval ou elipsoidal, com cabo pontiagudo e pouco desenvolvido; a concavidade da pá é pouco profunda” (Lago *et alii*, 1998:100).

No caso dos fragmentos de colher recolhidos na Ponte da Azambuja 2, devido ao seu estado de conservação (fratura antiga), não é possível definir o tipo de cabo, conforme a descrição citada, tendo sido efectuada a sua integração neste grupo tipológico a partir da forma e das dimensões da concha.

4.3.2. “Queijeiras”

Dentro do espólio cerâmico da Ponte da Azambuja 2 foram identificados 10 fragmentos integráveis no tipo de recipiente amplamente designado na bibliografia arqueológica por “queijeiras”.

Tratam-se de fragmentos cerâmicos perfurados, que apresentam uma superfície externa alisada, que contrasta com uma superfície interna bastante rugosa, em parte devido ao facto das perfurações serem executadas a partir do exterior para o interior do recipiente, quando a pasta ainda estaria fresca.

No que respeita à sua proveniência dentro da área escavada, todos os fragmentos foram recolhidos no preenchimento do Fosso 1, tendo, contudo, diferentes posições estratigráficas: tanto surgem na

camada 101 (n=8), como na camada 102 (n=2). Ainda que planimetricamente haja uma concentração de fragmentos na mesma quadrícula (M/7), os fragmentos não permitiram a colagem entre si. Porém, a hipótese de pertencerem a um único recipiente não está descartada. No entanto, uma vez que estão identificados dois bordos que reportam dois diâmetros distintos, considera-se, para efeitos de contagem, um número mínimo de duas “queijeiras”.

No caso dos fragmentos da Ponte da Azambuja 2 não se reconheceu qualquer diferenciação na morfologia e na dimensão das perfurações, que podem ter até 2 mm de diâmetro e uma morfologia entre a cilindroide e a troncocónica.

Dos fragmentos que apresentavam bordo verificou-se a presença de formas cilíndricas, eventualmente em “mangas abertas”.

4.3.3. “Biberon”

Foi identificado um fragmento de cerâmica, cilíndrico, apresentando uma perfuração do seu interior, que ocorre transversalmente à peça. A sua integração num recipiente cerâmico não é segura, contudo a abertura de “paredes” numa das suas extremidades pressupõe esta situação.

Aparentemente, parece tratar-se de um fragmento aos quais tem sido atribuída a designação de “biberon”, com paralelos crono-culturais quer na Igreja Velha de São Jorge (Soares, 1994) quer em Papa Uvas (Martin de la Cruz, 1994).

4.3.4. Disco

Foi recolhido um pequeno disco em cerâmica, idêntico aos que em contextos históricos se designam por “malha de jogo”.

O facto de se tratar de um elemento completamente isolado no cômputo geral da coleção, e da escassez de elementos semelhantes documentados na bibliografia disponível, não permite assumir propostas funcionais desta peça. Refira-se, no entanto, que no sítio dos Perdigões está referida a sua presença, embora provenientes de contextos de superfície (Lago et alii, 1998).

4.3.5. Indeterminados

Enquadrado neste grupo encontra-se uma única peça, que, na ausência de paralelos, se considerou “indeterminada” não só na sua tipologia, mas também na sua funcionalidade.

Na ausência de indicadores que permitissem enquadrá-la no grupo dos artefactos de uso doméstico ou no grupo dos artefactos relacionados com o subsistema simbólico, optou-se por não avançar com qualquer classificação, ficando restrita ao grupo dos artefactos realizados em argila – os “materiais cerâmicos”. Aguarda-se o conhecimento de um paralelo, que eventualmente surja num contexto indicador do seu hipotético uso.

Embora exista este obstáculo, não se considera que é impeditivo da realização da sua descrição exaustiva.

Esta peça provém do interior do Fosso 2, mais concretamente da quadrícula E/20, camada 201, nível artificial 2.

As suas dimensões são as seguintes: altura – 55 mm; largura nas extremidades – 20,23 mm / 20,05 mm.

Encontra-se com a sua morfologia intacta, embora se verifique desgaste antigo nas suas extremidades, em ambas as laterais.

Do ponto de vista morfológico, trata-se de um objeto com um perfil transversal oval, elaborado, com um rolo de argila, convergente nas extremidades, estando as quatro pontas perfeitamente definidas, apresentando-se, no entanto, fraturadas.

5. DISCUSSÃO E PRIMEIRAS LEITURAS

A análise à cultura material da Ponte da Azambuja 2 não pode ser meramente descritiva, devendo ser revestida de uma série de reflexões sobre o conjunto, em dois patamares de análise distintos, mas complementares:

1. Por um lado, deve-se efetuar uma aproximação à cronologia do sítio, na medida em que, na ausência de datações absolutas, é a cultura material que oferece uma integração cronológica fiável;

2. Por outro lado, deve-se questionar o sentido cultural destes elementos: qual o seu significado no contexto da Ponte da Azambuja 2?

5.1. Significado Cronológico

O grupo das cerâmicas é, no cômputo geral da cultura material recolhida na Ponte da Azambuja 2, o que apresenta um maior grau de fiabilidade, pela sua homogeneidade.

Deste modo, considera-se que, para uma correcta compreensão cronológica da Ponte da Azambuja 2, a dicotomia taça carenada / prato, com especial destaque para os pratos de bordo espessado, é indispensável.

Sobre estas duas formas cerâmicas existem algumas reflexões de carácter diacrónico, que consideram o prato um eficaz e eficiente sucessor das formas carenadas. A este respeito Gonçalves (2003) afirma o seguinte: “A 1ª metade do 3.º milénio consagra, a nível da produção cerâmica, a afirmação estilística de um recipiente hoje muito bem conhecido, o grande prato de bordo espessado, bem como a extinção do recipiente de morfologias e volumetria próximas que aparentemente o antecedeu e com ele coexistiu, a taça carenada” (Gonçalves, 2003: 291).

Aceita-se assim, uma visão dicotómica representativa de dois períodos cronológicos distintos, sendo a taça carenada um fiável indicador do Neolítico Final, detendo mesmo o estatuto de “fóssil diretor”, passando esse papel a ser assumido pelo prato de bordo espessado a partir do 3.º milénio a.n.e. De acordo com alguns autores portugueses, esta substituição terá sido relativamente abrupta, uma vez que quando se regista a presença de ambas as formas, o prato detém um maior número de exemplares, em detrimento da taça carenada, que conhece um decréscimo significativo relativamente aos estratos/contextos onde aparece de forma isolada (Silva & Soares, 1976-1977).

Ora na Ponte da Azambuja 2 a situação que se verifica é exatamente oposta. De acordo com o Catálogo de Formas já apresentado, as taças carenadas são a forma cerâmica melhor representada

no conjunto estudado, perfazendo cerca de 60% (n= 93) da globalidade da coleção, enquanto que os pratos, nos seus diversos subtipos, correspondem apenas a 3% da coleção (n = 8).

Esta situação não só se verifica na Ponte da Azambuja 2, como foi já referida noutros contextos do SW Peninsular, sugerindo um cenário onde a substituição de uma forma pela outra terá sido efetuada de forma progressiva.

De forma a justificar esta afirmação, torna-se necessária a revisão de alguns contextos do SW Peninsular que, de forma absoluta ou de forma relativa, têm sido cronometricamente integrados na etapa final do Neolítico. Os sítios considerados para esta análise artefactual, atendendo aos objetivos cronológicos subjacentes, são os seguintes:

- com datação absoluta: Juromenha 1, São Pedro, Torre do Esporão 3, Perdigões, Sala n.º 1, Porto Torrão, Igreja Velha de São Jorge, São Brás 1, Papa Uvas;
- com datação relativa: Foz do Enxoé, Casa Branca 7⁵.

Entre os sítios com datações absolutas destacam-se diferentes tipos de ocupação:

- a) Os recintos de fossos – Juromenha 1, Perdígões, Igreja Velha de São Jorge e Papa Uvas;
- b) Os sítios “fortificados” – São Pedro e São Brás 1;
- c) Os povoados abertos, que podem estar localizados junto a linhas de água – Sala n.º1 e Torre do Esporão. – Foz do Enxoé e Casa Branca 7.

Na Juromenha 1, apesar dos dados acerca da sua cultura material serem escassos, podem-se retirar, quer nas pequenas referências feitas em artigos generalistas, quer nos relatórios preliminares da escavação arqueológica, algumas indicações sobre o conjunto artefactual exumado. No relatório preliminar da Campanha de 1998 lê-se a seguinte descrição: “Salienta-se, numa avaliação necessariamente preliminar, a presença importante de vasos e taças

⁵ Na media em que se considera que a única datação absoluta obtida não data a ocupação escavada (Rodrigues, 2006).

carenadas, sem nenhum caso de espessamento ao nível das carenas, como é habitual nos conjuntos tradicionalmente atribuídos ao Neolítico Final – Calcolítico do SW; desse contexto, faltam também, em absoluto, as peças de bordo espessado, os pesos de tear, assim como são muitos escassos os instrumentos de pedra polida, as pontas de seta, os percutores e os elementos de mó manual” (Calado & Mataloto, 1998:10). Boaventura e Mataloto (2009), no seu artigo de síntese acerca das datações absolutas dos sítios do SW Peninsular, reforçam esta afirmação, com a seguinte “[...] estão omissas as formas que parecem caracterizar a viragem do milénio, nomeadamente as carenas espessadas e outras formas espessadas”, avançando com uma cronologia absoluta de ocupação e abandono do sítio integrada no último quartel do IV milénio a.n.e. (Mataloto & Boaventura, 2009:36).

Na Igreja Velha de São Jorge obteve-se uma datação absoluta, que o enquadra cronologicamente na segunda metade do 4.º milénio a.n.e. (OxA 55443, 4540 ± 60 BP, 3380-3035 cal BCE). Neste sítio, o investigador responsável pelos trabalhos realça a ausência dos pratos de bordo espessado, dando destaque à presença de recipientes com mamilos junto ao bordo e às taças carenadas, embora refira a relativa escassez desta última forma cerâmica (Soares, 1994 e 1996).

O sítio da Foz do Enxoé, para o qual não existe qualquer datação absoluta, foi cronologicamente integrado na mesma etapa que a Igreja Velha de São Jorge, devido às semelhanças do repertório cerâmico recolhido quer num, quer noutro sítio. Também

nesta estação se registou a taça carenada em valores percentuais pouco expressivos, ao lado da cerâmica mamilada, estando documentada a ausência de pratos (Diniz, 1999).

No sítio Sala n.º 1, correspondente a uma estratégia de povoamento aberto junto a linhas de água, identificaram-se estratigraficamente três níveis de ocupação selados e bem definidos, datados pelo radiocarbono. Nos trabalhos publicados é referida uma convivência entre as duas formas cerâmicas aqui em relevo. Assim, e de acordo com a informação bibliograficamente disponível, obtiveram-se as seguintes datações absolutas para os níveis 4, 5 e 6, do *Locus 1*, do sítio Sala n.º 1 (Gonçalves, 1987 e 2003):

- Nível 4: ICEN 447, 4490 ± 110, 3510 – 2910 cal BCE;
- Nível 5: ICEN 445, 4490 ± 80, 3490 – 2920 cal BCE;
- Nível 6: ICEN 444, 440 ± 100, 3502 – 2910 cal BCE.

Estas datações permitiram a seguinte leitura interpretativa da ocupação do sítio: “Nestes três níveis, cuja proximidade cronológica é evidente, traduzindo muito provavelmente uma sequência não interrompida, pratos de bordo espessado e taças carenadas coexistem, confirmando situações verificadas em Papa Uvas” (Gonçalves, 2003: 291).

A fase IIB de Papa Uvas, acima referida, parece ser consentânea com as ocupações identificadas nos sítios Torre do Esporão 3 (TESP 3) (Gonçalves, 2003) e Casa Branca 7 (CB7) (Rodrigues, 2006), atendendo às características da coleção:

Sítio	% F. Carenadas	% Pratos	% C. Mamiladas	2 σ Cal BCE	Cronologia Relativa
TESP 3	20	16	14	2850-2340	–
CB 7	37	1	8	–	Calcolítico inicial

Tabela 2 – Comparação percentual entre taças carenadas, pratos e cerâmicas mamiladas nos sítios TESP 3 e CB7, de acordo com a informação disponível bibliograficamente.

Nestes dois sítios, enquadrados na primeira metade do 3.º milénio a.n.e., verifica-se que nesta etapa cronológica há ainda uma preponderância das taças carenadas sobre os pratos, acompanhada dos

recipientes com mamilos / elementos de preensão junto ao bordo, prolongando-se uma tradição que vem já desde o último quartel do 4.º milénio a.n.e., conforme os dados de Juromenha 1 e Igreja Velha

de São Jorge. No entanto, se em Juromenha 1 e na Igreja Velha de São Jorge os autores salientam a ausência dos pratos, no sítio da Sala n.º1 está documentada a trilogia carenas / bordos mamilados / pratos, sem, no entanto, haver dados que quantifiquem a importância de uns e outros.

Esta situação acontece igualmente nos “povoados fortificados” / “recintos murados” de São Pedro e São Brás 1.

Em São Pedro foi reconhecido um nível de ocupação pertencente ao Neolítico Final, correspondente ao primeiro momento de ocupação do sítio, para o qual não foi obtida qualquer datação absoluta, mas que o investigador considera que “ [...] deverá ter-se desenrolado entre os finais do IV milénio a.n.e. e o primeiro do seguinte” (Mataloto & Boaventura, 2009: 38), considerando (1) as especificidades do aparelho cerâmico – “ [...] caracterizado pelas taças carenadas, de carena simples, formas esféricas e globulares, lisas ou com mamilos junto ao bordo, pela escassez de pratos, sempre sem espessamento, e pela ausência ou escassez de pesos de tear” (Mataloto, 2010:280), e, (2) a datação KIA 33863, obtida para a fase subsequente – Fase II (2880-2620 cal BCE) (Mataloto & Boaventura, 2009). Se a Fase II de São Pedro se encontra dentro dos parâmetros definidos em TESP 3 e CB7, a fase anterior atesta a presença de pratos, ainda que em número residual, em momentos mais recuados, à semelhança do que acontece na Sala n.º1.

Já em São Brás 1 o povoamento pré-campaniforme definido a partir das datações ICEN 43 (3360-2920 cal BCE) e ICEN 44 (3500-2630 cal BCE), que o enquadram nos finais do 4.º inícios do 3.º milénio, demonstra uma situação inversa já que o investigador refere que a trilogia taça carenada / pratos de bordo espessado / cerâmicas mamiladas está presente, observando-se, contudo, uma superioridade numérica dos pratos em relação às outras duas partes desta equação (Parreira, 1983; Soares & Cabral, 1993). Porém, nas datações obtidas para os contextos de São Brás 1, à semelhança do que acontece nas datações absolutas do já referido sítio da Sala n.º 1, a existência de amplos intervalos de tempo

remete para os finais do 4.º milénio a.n.e. um conjunto de características que tradicionalmente são apenas reconhecidas no 3.º milénio a.n.e. Mas se na Sala n.º 1 essas mesmas características – existência de pratos – são aceitáveis e até mesmo corroboradas com contextos escavados recentemente – e.g. São Pedro – o mesmo já não se pode aplicar em São Brás 1, onde o caso paradigmático da presença de metalurgia nos contextos datados “empurra-os” para um período mais avançado, plenamente integrado no Calcolítico.

Nos grandes recintos de fossos do Sul de Portugal, sobre os quais se tem desenvolvido quer trabalhos de investigação – Perdígões –, quer grandes intervenções de emergência – Porto Torrão –, verificam-se, nos contextos datados, situações diversificadas no que concerne à cultura material, nomeadamente no papel que as taças carenadas, os pratos e as cerâmicas mamiladas desempenham quer sincrónica, quer diacronicamente.

Nos Perdígões, os contextos com datações pertencentes ao Neolítico Final são os seguintes: fossos 4, 5, 6, 7, 11, 12 e “pequeno fosso, e, “grande fossa” (Valera, Silva, & Romero, 2014).

No Fosso 12, do qual é proveniente a datação Beta 330092 (3365 – 3097 cal BCE), onde foi recolhido um conjunto significativo de ídolos almerienses, Valera refere que estes encontram-se associados a um aparelho cerâmico onde se regista: (1) o predomínio das formas globulares com mamilos / pega junto ao bordo; (2) a raridade das taças carenadas, que surgem apenas no topo da estrutura, à semelhança de um único fragmento de prato de bordo simples.

O outro contexto também abordado no artigo de apresentação e reflexão sobre o significado cronológico dos objetos ideotécnicos – o “Hipogeu 1” ou “large pit” – datado pela amostra Beta 304757 (3093-2918 cal BCE), demonstra uma situação distinta: aqui predominam as taças carenadas e globulares mamilados, estando ausentes do registo os pratos (Valera, 2012; Valera, Silva, & Márquez Romero, 2014).

Outros contextos desta área central foram alvo

de descrições detalhadas, nas quais se fazem referências ao conjunto artefactual exumado. São exemplo disso a Vala 1 e os depósitos identificados com os números de unidade estratigráfica [21] e [40], do Sector Q, onde foi registada a seguinte cultura material:

- na Vala 1, dentro do registo das formas identificáveis (n = 23), predominam as taças carenadas (n = 11), estando presentes as cerâmicas mamiladas (n = 3) e ausentes os pratos;
- na [21], no universo das formas reconhecíveis (n = 90), verifica-se igualmente o predomínio das formas carenadas (n = 26), seguindo-se as cerâmicas mamiladas (n = 21), havendo 17 registos de pratos, pertencentes quase em exclusivo ao sub-tipo “bordo espessado/almeдрado) (n = 16);
- na [40], dos 46 fragmentos com forma atribuída, 2 pertencem a formas carenadas, 14 a cerâmicas mamiladas e cinco são enquadráveis na categoria dos pratos (Valera, 2010).

Nestes últimos contextos – [21] e [40] – associados a depósitos de topo de uma estrutura negativa de tipo “fosso”, a presença dos pratos é relacionada com eventuais intrusões/migrações de materiais oriundos dos contextos calcolíticos presentes na mesma área, sem que esta circunstância seja atribuída a outros elementos da cultura material, sendo assim o contexto conectado com a tradicional etapa final do Neolítico. Não obstante, o autor chega a levantar a hipótese, ainda que considere pouco provável, de que se poderia “[...] considerar que estaríamos em presença de uma progressiva adição da morfologia prato ao complexo cerâmico de tradição neolítica” (Valera, 2010:24).

A par destes contextos, outros há, igualmente enquadráveis no Neolítico Final, onde se regista a presença de pratos de bordo simples, em número residual, comparativamente com as formas carenadas e cerâmicas com aplicações plásticas de tipo mamilo (informação pessoal de António Valera).

Deste modo, nos Perdigões parece haver várias situações no que respeita à presença/ausência destas formas cerâmicas, sem que seja possível por

agora determinar se os mesmos são sincrónicos ou diacrónicos, havendo no entanto a certeza de que, quando os pratos surgem em valores mais elevados que os restantes elementos, está-se perante um contexto nitidamente Calcolítico.

O grande recinto de fossos do Porto Torrão apresenta exatamente a mesma problemática que os Perdigões: identificação de vários contextos pertencentes à etapa final do Neolítico, com diferentes situações no que concerne à tipologia cerâmica de diagnóstico.

Os trabalhos efetuados nos inícios da década de '80 do século XX permitiram, desde logo, assumir a existência de uma ocupação pré-campaniforme, presente no então designado “Estrato 3”, no qual um conjunto significativo de artefactos aparecia associado a estruturas positivas de tipo “muro”, “empedrados” e “pavimentos”. Desse estrato obteve-se uma datação absoluta – ICEN-55: 3120-2830 cal BCE – que enquadra um aparelho cerâmico predominado pela taça carenada e pelo prato de bordo espessado (Arnaud, 1993).

Não obstante estes trabalhos, foi apenas no início do século XXI que se reconheceram as grandes estruturas negativas de tipo “fosso”, assim como as estruturas circulares negativas amplamente designadas por “fossas”. Desses trabalhos resulta, entre outros, o reconhecimento de um grande fosso, cujo preenchimento foi datado do último quartel do 4.º milénio (Sac 2232: 3325-2901 cal BCE). Dos artefactos cerâmicos exumados neste contexto regista-se o predomínio das taças carenadas, seguida das formas cerâmicas com mamilo junto ao bordo e a ausência de pratos (Valera & Filipe, 2004).

Da última grande intervenção realizada neste sítio não estão ainda publicados dados suficientes que determinem cronologicamente os contextos. A única exceção a esta situação é a da publicação de um enterramento em fossa – [1250] –, cronologicamente integrável nos finais do 4.º / inícios do 3.º milénio a.n.e., sendo essa atribuição crono-cultural efectuada a partir da análise da cultura material, com base num conjunto cerâmico onde coexistem “[...] taças carenadas e pratos de bordo espessado,

[...] bem como [...] formas fechadas com base na esfera, por vezes com pegas mamilares” (Neto *et alii*, 2013: 381).

Deste modo, diferentes contextos cronologicamente e culturalmente integráveis na fase final do Neolítico parecem demonstrar diferentes realidades no que respeita aos recipientes cerâmicos de diagnóstico.

Assim, os dados anteriormente expostos permitem, por um lado admitir um cenário de introdução progressiva da forma cerâmica que conhecemos como prato ainda no 4.º milénio a.n.e., por outro reconhecer que a realidade artefactual verificada na Ponte da Azambuja 2, nomeadamente a presença de um escasso número de pratos (oito fragmentos num universo de 1280 bordos), não é exclusiva deste sítio, havendo um número significativo de contextos na área regional em análise que demonstram o mesmo tipo de situação.

Posto isto, e na ausência de datações absolutas que efetivem a cronologia da Ponte da Azambuja 2, parece atestada a integração da sua ocupação nos finais do 4.º milénio a.n.e. através de determinados componentes da cultura material, que são verdadeiros elementos de diagnóstico cronológico. Deste modo, este sítio encontra-se plenamente integrado nas diferentes manifestações culturais conhecidas para a unidade regional em estudo.

5.2. Significado Cultural

Devido ao debate sobre a funcionalidade dos recintos de fossos, e perante o conjunto artefactual recolhido na Ponte da Azambuja 2, devem-se efetuar as seguintes questões:

- a) Em que tipologia de sítio se enquadra a cultura material recolhida na Ponte da Azambuja 2?
- b) Encontra-se mais próxima dos lugares comumente designados por “povoados”, ou seja, das áreas residenciais das comunidades pré-históricas?
- c) Ou, pelo contrario, os artefactos recolhidos no sítio reportam para um ambiente amplamente designado por “simbólico”, mais próximo dos lugares de necrópole e/ou de “comportamen-

tos ritualizados” como os que têm vindo a ser defendidos por Valera (2008, 2013) para outros recintos de fossos da mesma área regional, nos quais existem padrões artefactuais ritualizados?

Apesar de no registo da cultura material da Ponte da Azambuja 2 surgirem artefactos conectáveis com o “mundo dos mortos”, nomeadamente o “vaso-lucerna”, os recipientes cerâmicos exumados neste sítio arqueológico assemelham-se maioritariamente aos conjuntos artefactuais recolhidos nos sítios de *habitat* desta etapa cronológica e cultural.

Aliás, a apresentação deste grupo de artefactos a qualquer investigador que se debruce sobre este período cronológico, na área regional em apreço, sem lhe indicar a qual a proveniência e o tipo de sítio a que se encontra associado, leva a que o próprio se incline para uma ocupação de tipo “povoado”.

O exercício anteriormente aplicado, referente ao significado cronológico desta coleção reflete essa mesma situação. À exceção dos sítios com a mesma tipologia – Juromenha 1, Perdigões, Porto Torrão, Igreja Velha de São Jorge, Papa Uvas – os restantes sítios utilizados como termo comparativo pertencem, como então foi visto, a povoados fortificados/murados ou povoados abertos.

Veja-se então, quais os fatores que contribuem para a comparação da Ponte da Azambuja 2 com lugares de *habitat*:

- a) As características das pastas usadas na manufatura destes objectos, que permitem a assumpção um esquema de exploração intensiva dos recursos imediatamente disponíveis;
- b) As formas cerâmicas, que são semelhantes às de um qualquer povoado do Neolítico Final regional, apresentando um elevado grau de standardização, verificando-se muitas vezes, na mesma forma, apenas uma variação do diâmetro, o que demonstra, a par dos sinais de fogo nas suas superfícies e dos elementos de preensão, que se tratam de cerâmicas utilitárias usadas no quotidiano da comunidade;
- c) O número mínimo de recipientes que, ainda que pouco preciso, remete para um conjunto

bastante extenso, o que é, por norma, característico dos lugares residenciais;

d) A presença, embora em número reduzido, de outros utensílios em cerâmica, tais como as colheres e as “queijeiras” que, independentemente da sua função, estão normalmente relacionadas com os designados “povoados”.

É a conjugação destes elementos com outros componentes da cultura material da Ponte da Azambuja 2 que permite efectuar uma analogia deste recinto de fossos com os designados “povoados”, ou “áreas residenciais” das comunidades pré-históricas da etapa final do Neolítico.

Assume-se assim, que a comunidade que construiu, usou e abandonou o recinto de fossos da Ponte da Azambuja 2 conhece o seu território, explora-o e potencia os recursos naturais que lhe são oferecidos, especializando-se na manufatura dos objetos do quotidiano, neste caso os objectos em cerâmica, e armazena bens essenciais, facto inferido pela presença dos designados “contentores de armazenagem”.

BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, M. (2009). *Megalitismo e comunidades megalíticas na área da Ribeira Grande (Alto Alentejo): definição e caracterização do fenómeno de “megalitização” da paisagem na área austral do Norte alentejano*. Tese de Mestrado, Exemplar policopiado.

ANGELUCCI, D. (2003). A partir da terra: a contribuição da Geoarqueologia. In J. E. Mateus, & M. Moreno-García (Eds.), *Paleoecologia Humana e Arqueociências. Um Programa Multidisciplinar para a Arqueologia sob a Tutela da Cultura* (pp. 35-84). Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.

ARNAUD, J. M. (1993). O povoado calcolítico de Porto Torrão (Ferreira do Alentejo): síntese das investigações realizadas. *Vipasca*, 41-60.

CALADO, M., & Mataloto, R. (1998). *Relatório intercalar referente aos trabalhos do Bloco 2 do Plano de Minimização de Impactes do Regolfo do Alqueva. Escavação do Povoado Neolítico de Jurromenha 1 (Alandroal). Campanha 1 (Abril a Julho de 1998)*. Lisboa: Fundação da Universidade de Lisboa.

CARVALHO, A. F. (2008). *A Neolitização do Portugal Meridional. Os exemplos do Macico Calcáreo Estremenho e do Algarve Ocidental* (Vols. Promontoria Monográfica, 12). Faro: Universidade do Algarve.

COPLEY, M. S., BERSTAND, R., Dudd, S. N., COCHERTY, G., MUKHERJEE, A. J., Strarer, V., et al. (2003). Direct chemical evidence for widespread dairying in prehistoric Britain. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, 100, pp. 1524-1529.

DE LESTRANGE, M.-T., & GESSAIN, M. (1976). *Collections Bassari. Sénégal, Guiné*. Paris: Catalogues du Musée de l’Homme. Muséum National d’Histoire Naturelle.

DINIZ, M. (1999). Povoado Neolítico da Foz do Enxóe (Serpa): primeiros resultados. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 2:1, pp. 95-126.

EVANGELISTA, L. S. (2003). *O complexo arqueológico dos Perdígões e a construção da paisagem em Reguengos de Monsaraz*. Porto: Exemplar policopiado.

GONÇALVES, V. S. (1989). *Megalitismo e Metalurgia no Alto Alentejo Oriental*. Lisboa: Uniarch.

GONÇALVES, V. S. (2003). *Sítios, “Horizontes” e Artefactos. Leituras críticas de realidades perdidas. (Estudos sobre o 3.º milénio no Centro e Sul de Portugal)*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais.

LAGO, M., DUARTE, C., VALERA, A., ALBERGARIA, J., ALMEIDA, F., & CARVALHO, A. (1998). Povoado dos Perdígões (Reguengos de Monsaraz): dados preliminares dos trabalhos arqueológicos realizados em 1997. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 45-152.

MARTÍN DE LA CRUZ, J. C. (1994). *El tránsito del Neolítico al Calcolítico en el litoral del Sur-Oeste Peninsular*. Madrid: Ministerio de Cultura.

MATALOTO, R. (2010). O 3.º/ 4.º milénio a.C. no povoado de São Pedro (Redondo, Alentejo Central): fortificação e povoamento na planície centro alentejana. *Transformação e Mudança no Centro e Sul de Portugal: o 4.º e o 3.º milénios a.n.e.* (pp. 263-295). Cascais: Câmara Municipal de Cascais.


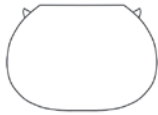







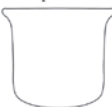
MATALOTO, R., & BOAVENTURA, R. (2009). Entre vivos e mortos nos IV e III milénios a.n.e. do Sul de Portugal: um balanço relativo do povoamento com base em datações pelo radiocarbono. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 12:2, 31-77.

NABAIS, M. & RODRIGUES, F. (2016). Animal bones from the Late Neolithic site of Ponte da Azambuja 2 (Évora, Portugal), *Int. J. Osteoarchaeol.*, doi: 10.1002/oa.2551.

NETO, N., ROCHA, M., SANTOS, R., & REBELO, P. (2013). Povoado calcolítico do Porto Torrão – uma inumação em fossa. *Arqueologia em Portugal. 150 Anos* (pp. 379-385). Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses.

NEVES, C., MARTINS, A., ANDRADE, M., PINTO, A., & MAGALHÃES, B. (2013). Estratégias de povoamentos das comunidades do Neolítico Final e Calcolítico no vale da Ribeira do Alfândão (Ferreira do Alentejo, Portugal). *Arqueologia em Portugal – 150 anos* (pp. 361-372). Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses.

- PARREIRA, R. (1983). O Cerro dos Castelos de São Brás (Serpa). Relatório preliminar dos trabalhos arqueológicos de 1979-1980. *O Arqueólogo Português*, 149-168.
- PARREIRA, R. (1996). *O conjunto megalítico do Crato*. Tese de mestrado. Exemplar policopiado.
- RODRIGUES, A. F. (2006). *Casa Branca 7: um povoado na transição do 4.º para o 3.º milénio a.n.e na margem esquerda do Guadiana (Serpa)*. Dissertação de Mestrado, exemplar policopiado.
- RODRIGUES, F. (2008). O recinto de fossos da Ponte da Azambuja 2 (Portel, Évora): primeira notícia. *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 2, (pp. 49-53), Lisboa: NIA.
- RODRIGUES, F. (2013). Ídolomania: figuras antropomórficas e “ídolos de cornos” do recinto de fossos do Neolítico Final da Ponte da Azambuja 2 (Portel, Évora). *Arqueologia em Portugal. 150 Anos* (pp. 435-446). Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses.
- RODRIGUES, F. (2015). *O sítio da Ponte da Azambuja 2 (Portel, Évora) e a emergência dos recintos de fossos no SW Peninsular nos finais do 4.º milénio a.n.e.*, Tese de Doutoramento, exemplar policopiado.
- SCHIFFER, M. B. (1987). *Formation Processes of the Archaeological Record*. Salt Lake City: University of Utah Press.
- SILVA, C. T., & SOARES, J. (1976-1977). Contribuição para o conhecimento dos povoados calcolíticos do Baixo Alentejo e Algarve. *Setúbal Arqueológica*, 179-267.
- SILVA, C. T., & SOARES, J. (1987). O Povoado Fortificado Calcolítico do Monte da Tumba. I – Escavações Arqueológicas de 1982 – 86 (resultados preliminares). *Setúbal Arqueológica*, 29-79.
- SOARES, A. M. (1996). Datação absoluta da estrutura neolítica junto à Igreja Velha de S. Jorge (Vila Verde de Ficalho, Serpa). *Vipasca*, 5, 51-58.
- SOARES, A. M. (1994). Descoberta de um povoado do Neolítico junto à Igreja Velha de São Jorge (Vila Verde de Ficalho, Serpa). Resultados Preliminares. *Vipasca*, 3, pp. 41-49.
- SOARES, A. M., & CABRAL, J. P. (1993). Cronologia absoluta para o Calcolítico da Estremadura e do Sul de Portugal. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 217-235.
- SOARES, A. M., & MARTÍN DE LA CRUZ, J. C. (1995). Cronologia absoluta para a fase do Neolítico Final de Papa Uvas. *I Congrès del Neolític a la Península Ibérica* (pp. 655-658). Gavà-Bellaterra: Rubricatum.
- VALERA, A. C. (2008). Mapeando o Cosmos. Uma abordagem cognitiva aos recintos da Pré-História recente. *Era, Arqueologia*, 8, pp. 112-127.
- VALERA, A. C. (2010). Construção da temporalidade dos Perdígões: contextos neolíticos na área central. *Apontamentos de Arqueologia Património*, 19-26.
- VALERA, A. C. (2012). Mind the Gap: Neolithic and Chalcolithic Enclosures of South Portugal. In A. Gibson (Ed.), *Enclosing the Neolithic. Recent Studies in Britain and Europe*. (Vol. 2440, pp. 165-183). BAR International Series.
- VALERA, A. C. (2013). Recintos de Fossos da Pré-História Recente em Portugal: investigação, discursos, salvaguarda e divulgação. *al madan*, 18, 93-110.
- VALERA, A. C., & FILIPE, I. (2004). O povoado do Porto Torrão (Ferreira do Alentejo). Novos dados e novas problemáticas no contexto da calcolitização do Sudoeste peninsular. *Era. Arqueologia*, 7, pp. 23-32.
- VALERA, A. C., BECKER, H., & BOAVENTURA, R. (2013). Moreiros 2 (Arronches, Portalegre): geofísica e cronologia dos recintos interiores. *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 9, 37-46.
- VALERA, A. C., SILVA, A. M., & MÁRQUEZ ROMERO, J. (2014). The temporality of Perdígões Enclosures: absolute chronology of the structures and social practices. *Spal*, 23, pp. 11-26.

CATÁLOGO DE FORMAS			
FORMA	PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS *	Nº DE EXEMPLARES	% GLOBAL
Contentores de armazenagem	“Vasos cuja diferenciação se baseia essencialmente no tamanho e não na forma.” As morfologias são variadas, mas apresentam sempre dimensões consideráveis, com diâmetros de boca superiores aos 30 cm.	21	6%
Esféricos 	“Recipientes de corpo esférico.”	22	7%
Globulares 	“Vasos de corpo globular, com ou sem colo. Os recipientes sem colo apresentam, por vezes, pegas de orelha/mamilares.”	17	5%
Míni vasos	“Vasos cuja diferenciação se baseia essencialmente no tamanho e não na forma. As morfologias são variadas, mas apresentam sempre dimensões muito reduzidas, com diâmetros de boca que não ultrapassam os 4 cm.”	3	1%
Potes 	“Recipientes de paredes convergentes para o bordo, predominantemente retas, com base aplanada.”	6	2%
Pratos 	“Formas abertas, muito pouco profundas ($IP < 20$), de base convexa ou convexo-aplanada.”	8	3%
Taças 	“Recipientes abertos ou ligeiramente fechados, de pouca profundidade ($20 < IP < 50$), de base convexa ou convexo-aplanada.”	8	2%
Taças carenadas 	“Recipientes pouco profundos ($10 < IP < 40$), compostos por uma base em calote esférica ou aplanada e por um corpo troncocônico, romboidal ou hiperbolóide.”	193	59%
Tigelas 	“Recipientes abertos ou fechados, de configurações à base da esfera e da elipse. Distinguem-se das taças por apresentarem índices de profundidade mais elevados.”	41	13%
Vaso lucerna 	Recipiente fechado de pequenas dimensões – diâmetro inferior aos 10 cm – tendencialmente esférico, com achatamento do bordo. “A denominação implica já um critério de funcionalidade, que lhe é tradicionalmente atribuído.”	1	<1%
Vaso suporte 	“Objetos cerâmicos tubulares, cilíndricos ou subcilíndricos (com estrangulamento a meio). A denominação implica já um critério de funcionalidade, que lhe é tradicionalmente atribuído.”	1	<1%
Vaso de paredes retas 	“Corpo do recipiente cilíndrico ou subcilíndrico.”	6	2%

* Descrição conforme Lago *et alii*, 1998: 81 - 85.

Figura 1 – Catálogo das formas identificadas na Ponte da Azambuja 2.

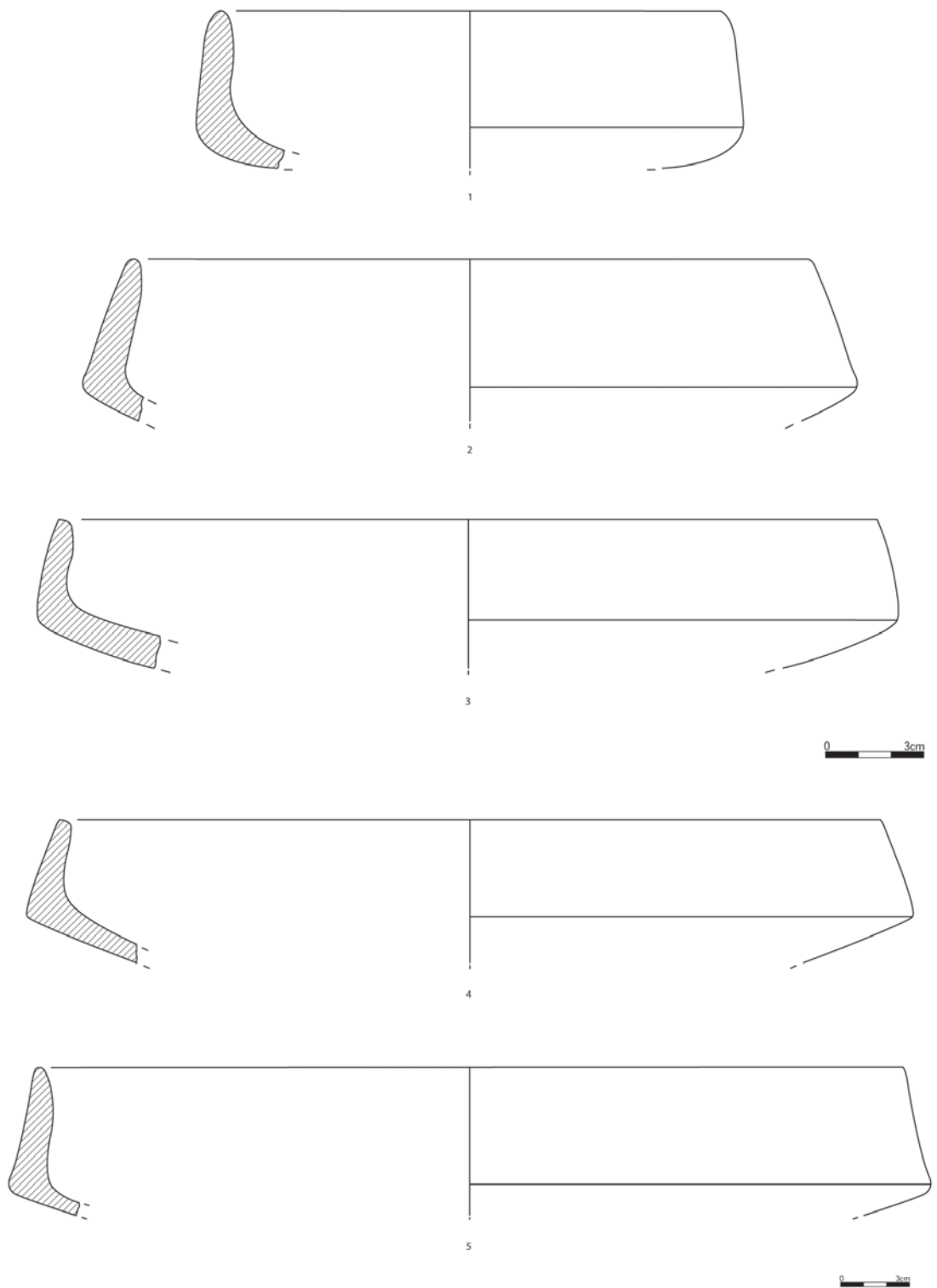


Figura 2 – Taças Carenadas (desenhos: César Neves).

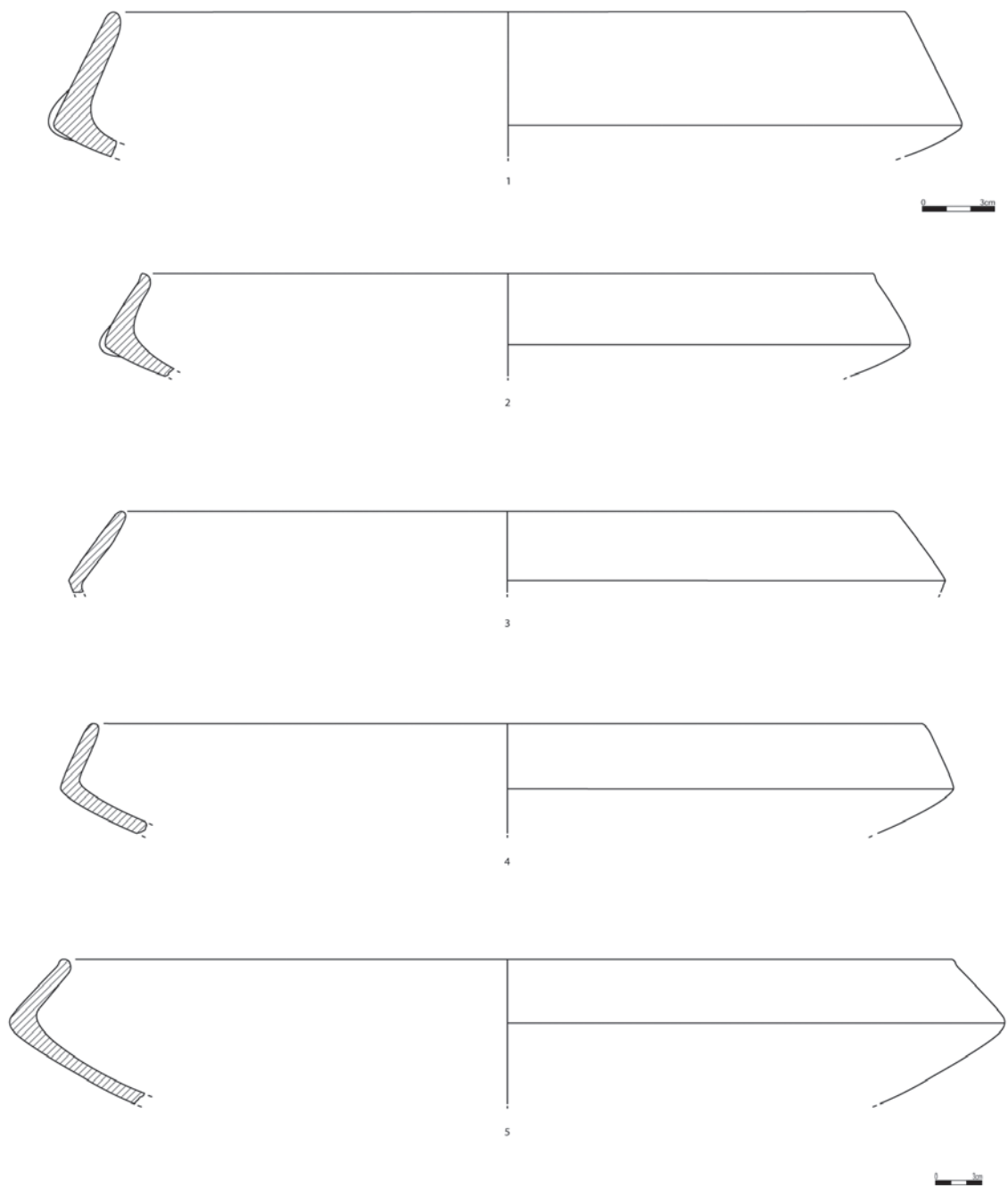


Figura 3 – Taças Carenadas (desenhos: César Neves).

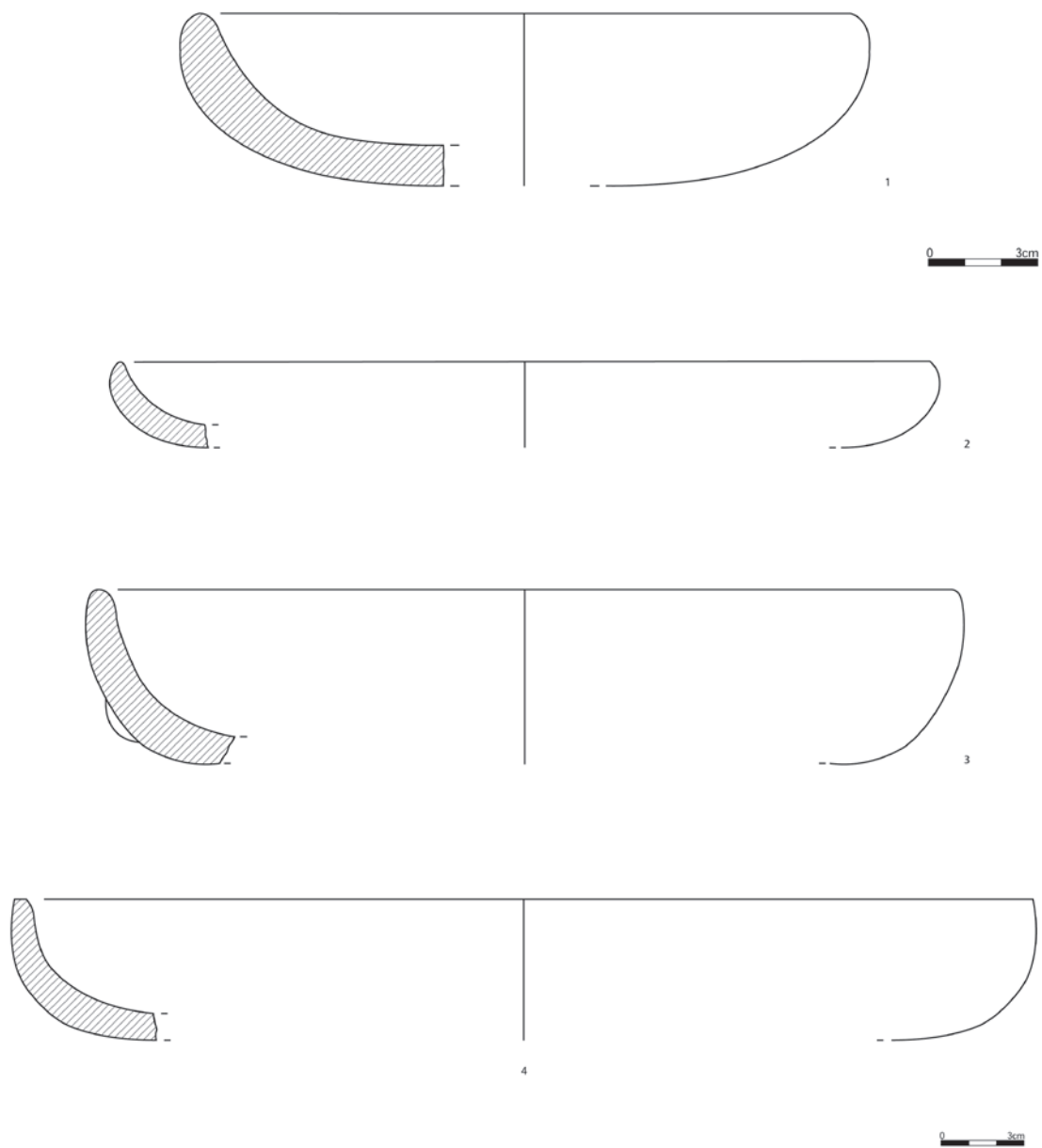


Figura 4 – Pratos (desenhos: César Neves).

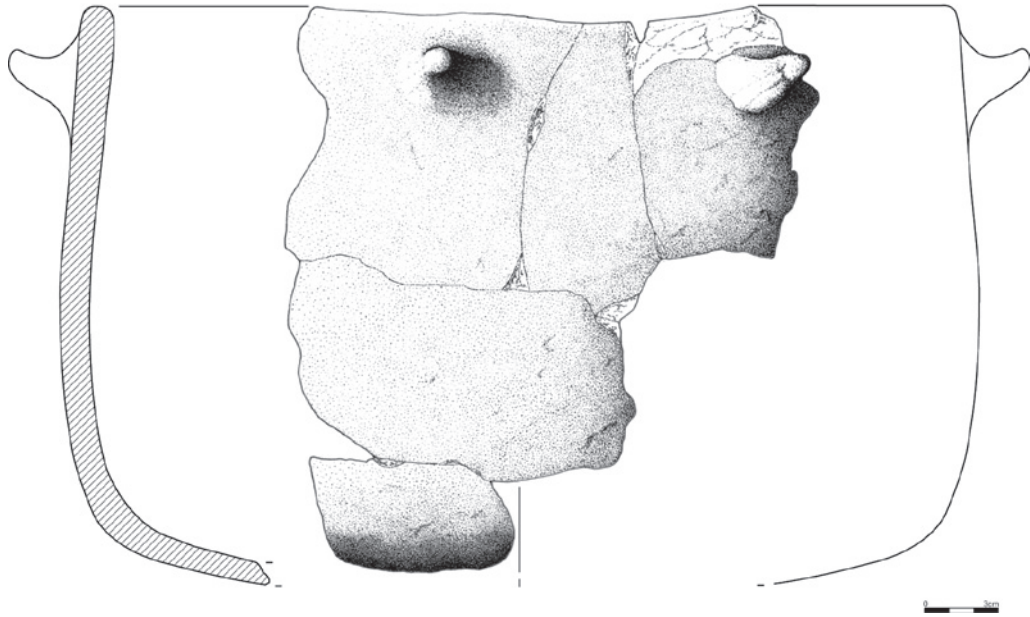


Figura 5 – Contentor de Armazenagem (desenhos: César Neves).

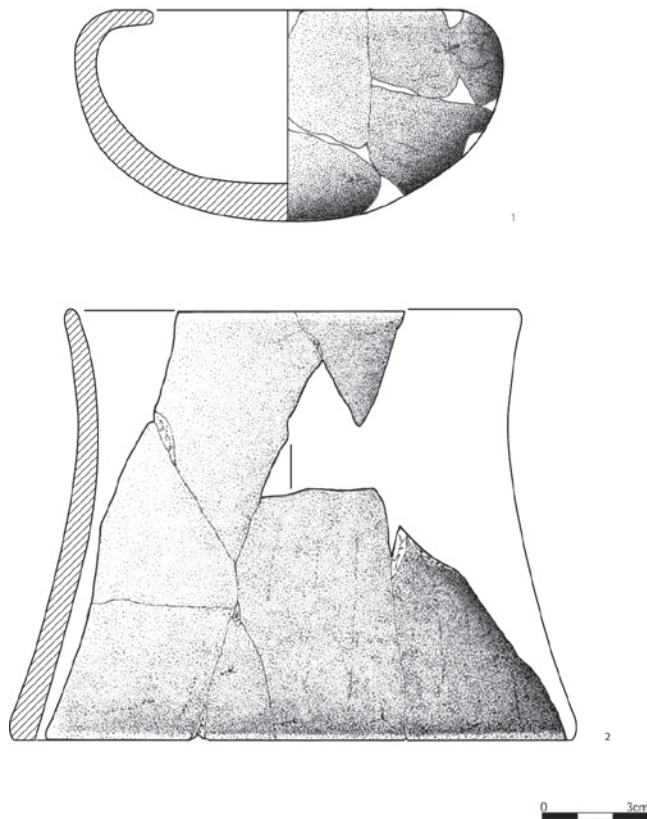


Figura 6 – 1) "Vaso-lucerna"; 2) Vaso suporte (desenhos: César Neves).

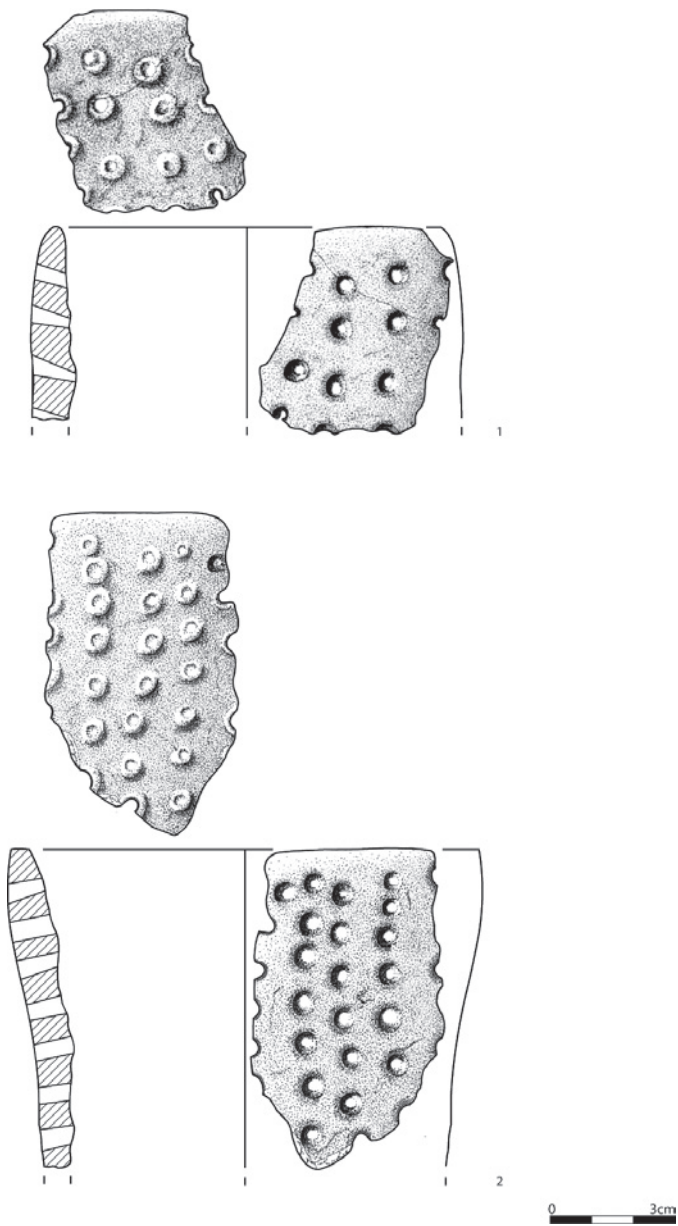


Figura 7 – “Queijeiras” (desenhos: César Neves).

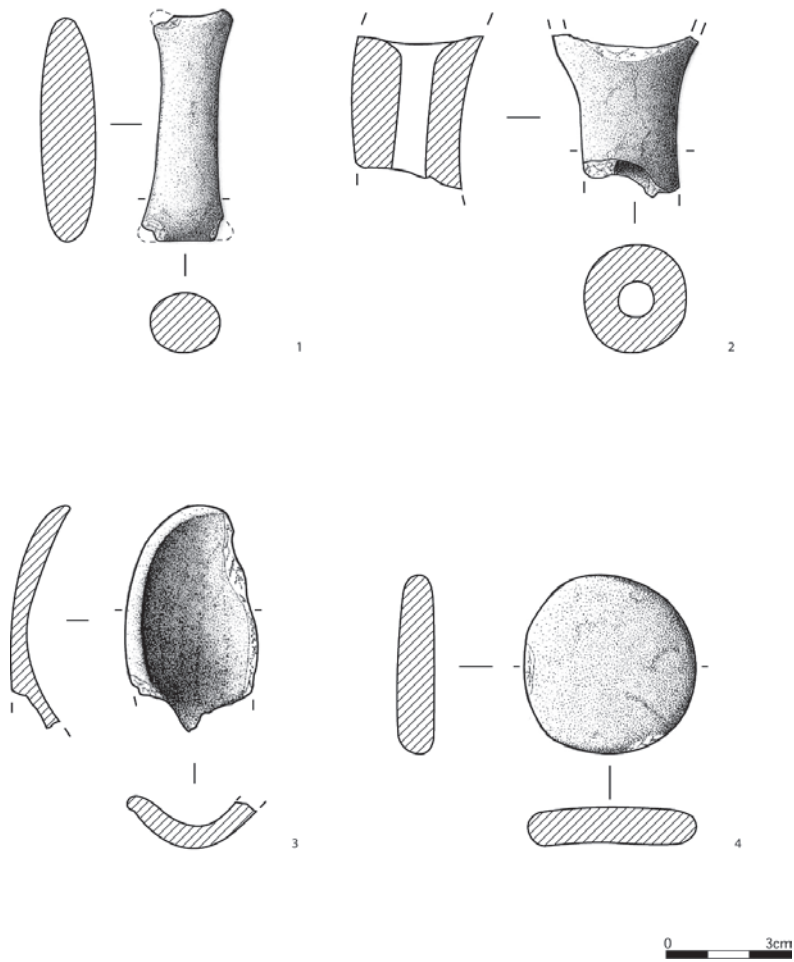


Figura 8 – 1) Indeterminado”; 2) “Biberon”; 3) Colher; 4) Disco (desenhos: César Neves).

ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES
1863-2017

www.arqueologos.pt